

COLONIALIDADES EM MOVIMENTO: TESSITURAS DO CORPO EM “OUT ON MAIN STREET” (1993) DE SHANI MOOTOO

Thiago M. Moyano¹

RESUMO: Os estudos de gênero e a teoria pós-colonial estabeleceram novos paradigmas à perquirição das subjetividades no mundo contemporâneo. No campo dos estudos literários, percebe-se, por exemplo, o crescente número de trabalhos que ora revisitam o cânone ocidental, ora questionam o estatuto do mesmo a partir destas visadas, reelaborando, assim, o que se tem definido por ‘Literatura’, tanto no que tange às vozes autorais tradicionalmente legitimadas, quanto os temas e formas que têm sido privilegiados no decorrer da História. Ao longo deste processo de desconstrução de “verdades” epistêmicas, destaca-se, tanto para a Teoria de Gênero quanto Pós-Colonial, a necessidade de se repensar o papel do corpo na constituição de subjetividades. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva interseccional, o conto “Out on Main Street” (1993) da escritora indocaribenha Shani Mootoo. Em um cenário multicultural da urbe Canadense no século XX, acredito que a autora projete textualmente corporalidades simultaneamente queer e pós-coloniais, trazendo à tona uma crítica das colonialidades de poder e do gênero e seus múltiplos entrecruzamentos na trama social em que a personagem-narradora se vê inserida: o da diáspora caribenha. Trabalhos de Aníbal Quijano, Fernanda Belizário, Judith Butler, Leticia Sabsay, entre outros servirão de aporte teórico para esta investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Colonialidade, Corpo, Poder, Diáspora

COLONIALITIES IN DISPLACEMENT: BODILY TEXTURES IN “OUT ON MAIN STREET” (1993) BY SHANI MOOTOO

ABSTRACT: Gender Studies and Post-Colonial Theory have presented a shift in paradigms in relation to investigations on subjectivities. In Literary Studies, one can note, for example, the increasing number of works that either revisit the Western canon or question its status through these approaches, re-elaborating what has been defined and understood as Literature, be it in terms of authorship or forms and themes that have been privileged over the course of History. Throughout this process of deconstructing epistemic ‘truths’, the role of the body can be highlighted both for Gender and Post-Colonial theories in an attempt to reconfigure its relationship to the constitution of subjectivity. Therefore, this paper aims at analyzing, under an intersectional approach, the short story “Out on Main Street” (1993) by the Indo-Caribbean writer Shani Mootoo. Within a Canada’s urban multicultural scenario, I believe the author projects a simultaneously queer and post-colonial bodily experience, bringing about a critique of the colonialities of power and gender and their multiple interwoven aspects in the social background in which the narrator is inserted: that of the Caribbean Diaspora. Works by Aníbal Quijano, Fernanda Belizário, Judith Butler, Leticia Sabsay, among others will be the theoretical apparatus of this investigation.

KEYWORDS: Gender, Coloniality, Body, Power, Diaspora

¹ Doutorando no Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLM/FFLCH/USP). E-mail: thiago.moyano@usp.br

I. Introdução: inventando mundos, o corpo.

No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente.

- Frantz Fanon

Em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), Frantz Fanon, em um exercício ao mesmo tempo teórico e autobiográfico, abre caminhos para um novo olhar em torno da complexa teia de relações raciais e sociais na qual se encontram os sujeitos de origem africana. Esta reflexão do autor nos leva, então, a dois aspectos caros à crítica literária do momento. Primeiramente, ao mesclar suas leituras, em especial sobre filosofia e psicanálise, e relatos de sua experiência pessoal (homem negro, de origem caribenha, formado na França), Fanon confere um aspecto inventivo à constituição das subjetividades, estas profundamente marcadas por inúmeros deslocamentos, conforme se pode ver na epígrafe de sua autoria que abre as páginas deste trabalho. Ademais, Fanon também traz para o centro do debate, para além de sua identidade racial no mundo, as implicações que esta teria sob *seu corpo*, o que nos permitiria estender o alcance de suas reflexões para uma outra categoria de análise, o gênero. É mister lembrar, por exemplo, de sua exortação final: “*Ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!*” (FANON, 2008, p. 191. Grifo meu).

Deste modo, o trabalho de Fanon, considerado um dos precursores do que se desdobraria nos pensamentos Pós e Decoloniais de meados do século XX até o presente, mostra-se relevante para uma visada mais atual, a partir da qual se projetam concomitantemente gênero, raça e classe: a noção de interseccionalidade. No âmbito dos estudos jurídicos, foi a estudiosa norte-americana Kimberlé Crenshaw quem nos chamou atenção para o fato de que, para além das desigualdades marcadas pela componente racial dentro do aparato judicial norte-americano, políticas de gênero desfavoreceriam ainda mais as mulheres afrodescendentes. Para ilustrar este panorama, Crenshaw (2002) comenta propagandas do governo estadunidense sobre a previdência social, alertando-nos para como estas imagens reproduziriam um discurso sedimentado no senso comum. Lemos:

Sempre que surge uma matéria na mídia acerca da previdência social nos Estados Unidos, as afro-americanas são citadas e mostradas em imagens, embora elas não representem a maioria das mulheres que dependem do sistema da previdência social. Além disso, estatisticamente, as afro-americanas não têm mais filhos do que as brancas. Mas as ilustrações sempre enfocam mulheres afro-americanas. Há uma série de ideias e imagens que promovem algumas políticas públicas que acabam refletindo a interseção entre concepções de raça e de gênero. (CRENSHAW, 2002, p. 13)

Neste diapasão, os estudos de gênero e a teoria pós-colonial têm estabelecido novos paradigmas à perquirição das subjetividades no mundo contemporâneo.

Fortemente influenciados por movimentos sociais e políticos que se consolidaram ao longo do século XX – a saber o feminismo e organizações por direitos civis – tais frentes teóricas articularam uma reversão nas hierarquias dos discursos totalizantes. O que tais críticas têm promovido, portanto, é desconstruir processos que perpetuam o conhecimento através de um movimento vertical que naturaliza o norte global (Europa, EUA), bem como o homem branco (europeu/norte-americano), como almejado ponto de partida (e chegada) para toda e qualquer outra identidade racial, sexual e de gênero.

Na virada do século XXI, este cenário tem sido amplamente intensificado por dinâmicas transnacionais que, ao alterarem a circulação e controle dos meios de produção, fazem proliferar também a mobilidade global de sujeitos e discursos. No campo dos estudos literários, percebe-se, por exemplo, o crescente número de trabalhos que ora revisitam o cânone ocidental, ora questionam o estatuto do mesmo a partir destas novas visadas, reelaborando, assim, o que se tem definido por ‘Literatura’, tanto no que tange às vozes autorais tradicionalmente legitimadas, quanto aos temas e formas que têm sido privilegiados no decorrer da História. Ao longo deste processo de desconstrução de “verdades” epistêmicas, destaca-se, então, em uma perspectiva interseccional, a necessidade de se repensar o papel do corpo na constituição de subjetividades. Este trabalho tem por objetivo analisar o conto “Out on Main Street” da escritora indocariibenha Shani Mootoo. Acredito que a autora projete textualmente o corpo, trazendo à tona uma crítica das colonialidades de poder e do gênero e seus múltiplos entrecruzamentos na trama social em que a personagem-narradora se vê inserida.

No conto, o qual intitula também a sua primeira publicação – a coleção *Out On Main Street and Other Stories* (1993) – deparamo-nos com uma cena cotidiana vivida por um casal lésbico de origem indo-caribenha em um contexto urbano canadense. Nesta, uma das partes do casal, a voz narradora – a qual não somos informados o nome em qualquer momento, apenas a carinhosa alcunha *Pudding* dada por sua companheira – relata uma visita a uma doceria indiana na “rua principal” da cidade. No entanto, ao longo desta tarde em um local público, ambas se confrontam com uma série de personagens de diferentes etnias, identidades sexuais e de gênero, as quais acabam por trazer à tona as mais variadas tensões vivenciadas a partir destes marcadores de suas subjetividades. Desde as diferenças entre ambas as personagens lésbicas até sua interação com seu entorno, percebe-se um jogo de alianças e oposições no qual a narradora parece destacar o papel do corpo como principal vetor.

A própria biografia de Mootoo mostra-se particularmente interessante à nossa leitura de sua obra, uma vez que a autora se vê inserida neste cenário transnacional que focalizaremos. Nascida na Irlanda, filha de pais trinidadianos de origem indiana hindu, a escritora que passou de sua infância à adolescência em Trinidad e atualmente vive em Toronto, no Canadá, parece resistir à ideia de fixidez de uma nacionalidade. Em seu ensaio “Dual Citizenship, Elsewhereness, and the sources of Creativity” (2001), ela discorre brevemente sobre as dificuldades em se categorizar geograficamente seu trabalho:

Às vezes me pergunto se sou uma escritora trinidadiana ou canadense. A matéria sobre a qual escrevo é decididamente influenciada pelo que sei de Trinidad, e esta é uma Trinidad, particular, que já não existe há muito tempo. O ato de fazer o trabalho, a possibilidade de sua existência é canadense; foi certamente facilitado pelo fato de viver e trabalhar neste país. Talvez, alguém diga que esta condição de sentir falta “de casa”, de criar um espaço literário imaginário destes lugares deixados pra trás, congelados no tempo e na memória, seja canadense. É também indiana? Pode bem ser que seja, na verdade.² (MOOTOO, 2001, p. 25. Tradução minha).

Paralelamente a estas questões de identidade nacional, sua sexualidade também influencia de forma pungente a maioria de suas obras. Em muitos de seus romances, personagens da comunidade LGBTQ+ de origem caribenha se veem radicados no Canadá, almejando não somente melhores oportunidades de trabalho, mas principalmente um espaço que acreditam estar melhor equipado para recebê-las. Ao falar sobre a importância da visibilidade que seu trabalho lhe proporcionou, Mootoo denuncia a necessidade de “ter espaço para ser ouvida ao falar sobre as coisas que tocam em [seu] âmago: [seu] jardim, cachorros, amores, temas que parecem ser, para pessoas como ela, um privilégio proferir.”³ (MOOTOO, 2001, p. 24. Tradução minha)

A fim de melhor aprofundar minha análise, contudo, serão necessárias algumas considerações teóricas tanto dos estudos *Queer* e de gênero, quanto do pensamento decolonial, tomando como partida, em especial, trabalhos de Aníbal Quijano, Fernanda Belizário, Judith Butler, entre outros.

II. Ampliando o terreno, o queer pós-colonial.

...o original foi sempre um derivado.

- Judith Butler

A ‘corporalidade’ é o nível decisivo das relações de poder.

- Aníbal Quijano

Ancorados no feminismo, os estudos de gênero têm constantemente reelaborado questões acerca da subjetividade desde o final do século XX. A partir de reflexões de pensadoras como Teresa de Lauretis, Monique Wittig e Judith Butler, esta vertente teórica estabeleceu novos caminhos para nossa compreensão, diferenciação e desafio de

² Sometimes I ask myself if I am a Trinidadian writer or a Canadian writer. My subject matter is decidedly influenced by what I know of Trinidad, and that is a Trinidad, a particular one at that, that is long gone. The act of making the work, the possibility of its existence is Canadian; it is certainly facilitated by living and working in that country. Perhaps, one might even say that the condition of longing for “back home”, of creating an imaginary literary space of places left behind, frozen in time and in memory, is Canadian. Is this also Indian? It might well be, actually. (MOOTOO, 2001, p. 25)

³ have the room to be heard when I talk about the things the touch me at my core: my garden, my dogs, my loves, subjects that seem for people like myself to be a privilege to utter. (MOOTOO, 2001, p. 24)

categorias como sexo, gênero e sexualidade, resgatando e desconstruindo uma tradição ocidental de pensamento.

A própria noção de tradição, conforme sugere Butler, estaria implicada não em um ponto de partida no qual origem e originalidade constituiriam um ‘corpo’ fixo de trabalhos, mas no incessante ato de repetição ao longo da história que sedimentaria modelos a serem seguidos. Sob a égide de Foucault e Wittig, a filósofa desenvolve, assim, sua definição de gênero, denunciando o caráter performativo deste, bem como o uso da categoria para fins regulatórios. Para ela,

Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade. (BUTLER, 2003, p. 199)

Esta compreensão do gênero como “fabricação” descolada de uma essência tem guiado inúmeras leituras nos mais variados fóruns acadêmicos e parece ter se consolidado de maneira cabal em um desdobramento dos estudos de gênero que buscava implodir todo e qualquer essencialismo. Lidando mais diretamente com aspectos que inter cruzam gênero e sexualidade, a teoria *Queer* se desenvolve, então, em um movimento que, desde seu nome, reverte a lógica de hierarquização da linguagem, tomando para si uma designação de cunho negativo, atribuindo-lhe potência e novo status. O termo *queer*, que se referiria ao modo do opressor de dar um lugar no mundo para o oprimido, passa então a ser utilizado por tais grupos minoritários como um signo deslizante, que justamente fugiria à qualquer necessidade de se determinarem fronteiras rígidas para o sujeito.

Este veio crítico, no entanto, não deixou de apresentar limitações em termos de representatividade. Ao serem formulados majoritariamente pelo norte global em um contexto acadêmico eurocentrado, tais estudos têm sido desafiados por muitos pensadores pós-coloniais, os quais problematizam a agência e autonomia necessárias para que o gênero, tal qual Butler o compreendeu, pudesse ser subvertido a partir de seu caráter fluido. Desta forma, tais transgressões, ou possibilidades ‘paródicas’ que Butler teria identificado em sujeitos limítrofes e nas performances de *drag queens* teriam implicações concretas bastante diferentes a partir, por exemplo, da identidade racial e classe econômica dos envolvidos.

Portanto, para melhor compreendermos a constituição das subjetividades em meio a tantas sobreposições de categorias, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso para a intrínseca relação entre o projeto colonial e a modernidade sobre a qual se formularam os estudos *queer*. Na esteira deste projeto, parece-nos relevante a noção de “colonialidade do poder”, desenvolvida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano. Em “Colonialidade do Poder e Classificação Social” (2009), Quijano parte do pressuposto de que, apesar de relacionada ao Colonialismo, a Colonialidade diz respeito a um outro

mecanismo, o qual transcenderia à dominação territorial da América (Latina) e África, muito mais enraizado e que naturalizou uma correlação entre diferentes categorias étnicas/raciais e a distribuição do poder em escala global. Para tal, ele denuncia como a própria construção do conhecimento no mundo ocidental, a partir da chamada racionalidade, se configurou como alternativa única, não apenas entre os colonizadores, mas também entre aqueles que teriam sido subjugados a seu poder.

A crise desta compreensão do mundo, segundo Quijano, advém do reconhecimento de que, na tradição filosófica ocidental, em especial no desenvolvimento do pensamento marxista, a focalização nas categorias de “classe” e “trabalho” acabou por subentender que toda e qualquer outra componente intersubjetiva seria um dado natural. Deste modo, em uma analogia ao que o pensamento feminista havia feito com as categorias ‘sexo’ e ‘gênero’, lemos, sobre raça, que:

A cor da pele, a forma e a cor do cabelo, dos olhos, a forma e o tamanho do nariz, etc., não têm nenhuma consequência na estrutura biológica do indivíduo e certamente menos ainda nas suas capacidades históricas. [...] o papel que cada um desses elementos joga na classificação social, ou seja, na distribuição do poder, não tem nada a ver com a biologia, nem com a ‘natureza’. (QUIJANO, 2009, p. 105, 106).

Apesar de reconhecer também o gênero como um marcador naturalizado, propositalmente confundido com sexo, Quijano se opõe à comparação linear entre gênero e raça, na medida em que, para ele, existiriam de fato diferenças (de atributos e mecanismos biológicos) determinados pelo sexo, ao passo que características fenotípicas seriam meramente demonstráveis. Contudo, embora tenha mantido o “sexo” como inquestionável dado biológico, é pertinente para nossa leitura que ele tenha destacado o protagonismo do “corpo”, em sua materialidade, nas relações de poder. Em suas palavras,

Na exploração, é o ‘corpo’ que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o ‘corpo’ o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. [...] Nas relações de gênero, trata-se do ‘corpo’. Na ‘raça’, a referência é o corpo, a ‘cor’ presume o ‘corpo’. (QUIJANO, 2009, p. 113)

Na esteira deste pensamento, teóricas do gênero têm se apropriado do conceito de “colonialidade do poder” a fim de discutir o que a filósofa feminista Maria Lugones chama de “colonialidade de gênero”. Em outras palavras, procura-se compreender aqui um processo, semelhante àquele identificado por Quijano, de cristalização das relações de poder geopoliticamente distribuídas a partir do gênero, fazendo, em consonância com Butler, da heterossexualidade não apenas uma identidade sexual, mas um “regime político” regulador dos sujeitos. Acrescenta-se à crítica da matriz heterossexual de Butler, contudo, que o “dimorfismo sexual é um eixo organizador do sistema de gênero na

perspectiva colonial.” (BELIZÁRIO, 2016, p. 386. Grifo meu). Assim, o sistema de dominação do homem sob a mulher serviria também como um operador da opressão do colonizador, o qual se manifestaria, por exemplo, no processo de sujeição de mulheres negras e latinas, cis e transgênero.

Em seu trabalho “Por uma teoria *Queer* Pós-Colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade ocupando as fronteiras e espaços de tradução”, Fernanda Belizário (2016) discute como uma série de estudos feministas e pós-coloniais têm se dedicado à compreensão de sujeitos que transcendem a qualquer tipo de fixidez identitária – das escritas de fronteira de Gloria Anzaldúa aos entre-lugares do eu de Homi Bhabha – enriqueceram o debate no campo da subjetividade. Sob a premissa de que a Teoria *Queer* se fundamenta na “desconfiança da estabilidade identitária dos sujeitos e seus corpos sexuados” (BELIZÁRIO, 2016, p. 387), ela destaca a importância de se desenvolver, juntamente ao gênero, um modelo interpretativo sensível também às implicações do projeto colonial na constituição do sujeito.

Se olharmos então para a Teoria *Queer* como uma crítica ao colonialismo e à globalização, tal qual esta abordagem interseccional tem proposto, torna-se ordem do dia repensar a organização do mundo em uma complexa teia de relações de raça, gênero e sexualidade dentro de uma dinâmica capitalista com uma agenda muito bem delineada. Para tal, há que se romper com os binarismos que historicamente hierarquizam os sujeitos a partir destas categorias. É justamente nesta imbricação que o trabalho de Belizário encontra eco em Quijano. Em consonância com o autor peruano, ela vê também no corpo – em especial no ‘corpo pós-colonial’ e no ‘corpo *queer*’ – um papel decisivo deste projeto. Lemos:

O corpo pós-colonial é um elemento central de análise, na medida em que é metonímia e expressão da inscrição social da diferença, um ponto de partida para o questionamento da condição eurocêntrica e logocêntrica e seus processos de invisibilização e subalternização de outros corpos, outras gramáticas de mundo. Ao mesmo tempo, o corpo *queer* é a condição de produção de sentido. Como limite, é o corpo que é racializado, que é homem ou mulher ou nenhum deles, é o corpo que faz sexo, que ama e negocia seus limites físicos com as fronteiras de sua identidade. O corpo como lugar de identidade, da opressão e da resistência. (BELIZÁRIO, 2016, p. 391).

Este entrelaçamento de raça e gênero nas humanidades é identificado já na gênese de organizações do movimento negro e feminista. A título de ilustração, Ina Kerner (2012) nos mostra como, mesmo linguisticamente, o próprio termo “sexismo”, do inglês *sexism*, passaria a existir em analogia ao termo ‘racismo’, à época já sedimentado. Para ela, contudo, não se pode fazer uma aproximação simplista na compreensão de ambos os marcadores de gênero e raça. Existem, portanto, demandas específicas para cada um desses grupos, o que explicaria sua focalização em diferentes aspectos estruturantes da opressão – no caso das feministas, na divisão ‘público’ x ‘privado’ e, para o movimento negro, nos processos de *othering* da racialização.

Para exemplificar tais diferenças, Kerner (2012) apresenta, no contexto europeu, como o Estado e suas instituições lidam com a reprodutibilidade. Se, por um lado, para o feminismo há que se desconstruir a ideia da naturalização do sexo e da heterossexualidade compulsória, no plano racial, a hegemonia do poder se preocuparia em impedir a miscigenação entre etnias, assegurando, assim, a segregação entre os diferentes grupos que hoje compõem o continente. Quando falamos em interseccionalidade, portanto, trata-se de

todas as formas *possíveis* de combinações e de entrelaçamentos de diversas formas de poder expressas por categorias de diferença e de diversidade, sobretudo as de “raça”, etnia, gênero, sexualidade, classe/camada social, bem como, eventualmente, as de religião, idade e deficiências. (KERNER, 2012, p. 55)

Assim, feitas estas considerações, acredito que a obra de Shani Mootoo se mostre profícua para uma discussão em torno destas variadas “combinações” e “entrelaçamentos” do poder. Na próxima seção deste trabalho, discutiremos em maior detalhe como, a partir da linguagem, o texto literário representa tais dinâmicas, revelando, em especial, a sensível relação entre disciplina e subversão, na qual o corpo *queer*, pós-colonial, caribenho se apresenta na linha de frente destas tensões.

III. Deslizando em fronteiras, o texto.

tu podes ir e ainda que se mova o trem tu não te moves de tí
- Hilda Hilst

A discussão em torno do que caracterizaria uma identidade caribenha revela-se um ponto focal na produção de muitos críticos do arquipélago. Dadas as especificidades do projeto colonial e futura emancipação das ilhas em estados independentes, nota-se que estas se constituem em um amálgama de etnias em que, muitas vezes, a própria noção de “lar” se desenvolve em um signo deslizante, carregando em si a semente de sua própria desconstrução. No âmbito da produção literária, a obra de escritores de alcance global, como V. S. Naipaul e Derek Walcott, já denuncia tal fenômeno, representando sujeitos em constante busca de suas origens e/ou negação das mesmas. Desde as últimas décadas do século XX, contudo, são crescentes os trabalhos que compreendem como “literatura caribenha”, a produção de autores já deslocados de suas ilhas de origem, evidenciando ainda mais o caráter transcultural de seus textos.

Neste contexto, grandes centros urbanos do norte global como, por exemplo, Nova Iorque, Londres e Toronto tornam-se palco para uma proliferação de trabalhos que parecem complicar o que se tem sedimentado por “Literatura Inglesa”. Neste sentido, a que cânone remeter as obras de Jamaica Kincaid, Caryl Phillips, Marlene NourbeSe Philip e Shani Mootoo? Diferentemente de outros territórios colonizados pela Inglaterra, como a Índia, a Austrália e a África do Sul, Rosamond King (2014) nos alerta para a importância

de lembrarmos que, “como existe hoje, a região do Caribe é em si um produto da globalização e do transnacionalismo e que a maioria de seus habitantes pode ser também definida como membros de outras diásporas.”⁴ (KING, 2014, p. 4. Tradução minha).

“Out on Main Street” (1993), nosso objeto de análise, narra as tensões sofridas por duas personagens lésbicas de origem indo-caribenha ao visitarem uma confeitaria indiana no Canadá, país onde vivem. Em termos espaciais, poder-se-ia dizer que o enredo se desenvolve em um microuniverso que parece servir como metonímia da condição geopolítica daquelas personagens. Temos um estabelecimento de origem étnica específica (indiana), situado em um grande centro (canadense), por onde transitam e convivem, nem sempre em harmonia, brancos canadenses, imigrantes indianos, indocaribenhos entre outros.

No que tange à obra de Shani Mootoo, Sandra Goulart Almeida (2011), no Brasil, e Tina O’Toole (2001), nos estudos irlandeses, se apropriam da noção de “diáspora em série”, de Sneja Gunew, para compreender a complexa teia de relações nas quais as personagens se veem inseridas. Estas se constituíram, portanto, por meio de um “processo de acomodações sequenciais através de fronteiras e limites geopolíticos, que por vezes caracteriza as experiências dos sujeitos diaspóricos, gerando novas e frequentemente conflituosas economias afetivas.” (ALMEIDA, 2011, p. 116). Várias vezes removidas de um “ponto de origem”, as protagonistas da narrativa de Mootoo precisarão negociar e, em certa medida, abdicar de algum aspecto daquilo que outrora constituiria sua subjetividade. Em “Out on Main Street”, por exemplo, a protagonista nos relata:

Costumava pensar que era Hindu por excelência até vir para cá [Canadá] e ver verdadeiros indianos da Índia, de carne e osso. Aqui, estou aprendendo sobre todo tipo de costume e comida e música e vestuário que nunca vimos ou ouvimos falar a respeito na boa e velha Trinidad.⁵ (MOOTOO, 1993, p. 208. Tradução minha)

Em sua leitura da obra de Mootoo, Almeida (2011) chama atenção também para uma outra interface que perpassa o texto literário, a partir da qual esta falta de um referencial étnico ou racial que demarcaria uma identidade se entrecruza com o gênero e a sexualidade. Para ela, “o ato performático característico das obras de Mootoo desvela a intrincada rede de conexões estabelecida entre os deslocamentos culturais contemporâneos e a interface das questões de gênero, sexualidade e etnicidade”. (ALMEIDA, 2011, p. 116). Desde as primeiras páginas do texto, deparamo-nos, em um tom confessional por parte da personagem-narradora, com diferentes os motivos para sua apreensão em sair em público com sua companheira.

⁴ as it exists now, the Caribbean region is itself a product of both globalization and transnationalism and that the majority of its residents can be defined as part of other diasporas. (KING, 2014, p. 4)

⁵ I used to think I was a Hindu par excellence until I come up here and see real flesh and blood Indian from India. Up here, I learning ‘bout all kind a custom and food and music and clothes dat we never see or hear ‘bout in good ole Trinidad. (MOOTOO, 1993, p. 208)

Em primeira instância, a narradora parece querer se justificar por não ir com maior frequência àquele estabelecimento, utilizando-se do corpo, e de sua preocupação com a aparência física, como argumento. Fazendo menção a características fenotípicas recorrentemente associadas ao corpo de mulheres de cor, ela se queixa do fato de que “são esses doces que dão a pessoas como nós uma predisposição para quadris e coxas indomáveis”⁶ (MOOTOO, 1993, p. 205. Tradução minha). Subsequentemente, ela deixa claro ao leitor um ressentimento por não se sentir acolhida naquele local, tanto por não dominar os códigos linguísticos daquela comunidade, quanto por ser representativa de uma terceira comunidade que ressignificara tais hábitos e costumes “índianos”. Por fim, ela nos relata suas inseguranças pela inconformidade de seu corpo com quaisquer normas de comportamento (caribenhas, indianas, canadenses) preestabelecidas para o sujeito-mulher. Quanto a este último aspecto, vale destacar como a narradora se vê em relação à sua companheira, diferença esta que se desdobra em tensões ligadas tanto à sua identidade de gênero quanto à sua postura face à cultura do colonizador.

Assim, o leitor conhece em detalhes a origem da principal interlocutora da voz narrativa do conto, Janet, cujo nome teria sido uma homenagem aos missionários no Caribe que converteram sua família para o cristianismo. Lemos: “Antigamente quando os missionários canadenses chegaram em Trinidad eles costumavam fazer uma fila para índianos do sul. E os bisavós de Janet foram uma das primeiras famílias do sul que mudaram de Índianos para Presbiterianos”⁷ (MOOTOO, 1993, p. 206. Tradução minha). A ocidentalização que marcara a identidade de Janet, presente já em seu nome, parece se refletir também em um maior grau de adaptabilidade desta em relação aos códigos étnicos e de gênero, trazendo à tona, mais uma vez, a materialidade do corpo para a linha de frente do debate. O fenômeno poderia ser analisado, deste modo, à luz do pensamento de Quijano (2001) quando este identifica no corpo um ponto de partida para se questionar as estruturas da colonialidade do poder. Ao descrever sua companheira fisicamente, bem como manifestar sua insatisfação com o constante assédio que testemunharia por parte dos homens, a narradora frisa aspectos associados a estereotipia do feminino, como o uso de maquiagem, salto alto e os cabelos escuros, longos e sedosos de sua parceira. Ela diz:

Janet é bonita, com certeza! E eu não gosto do jeito que os homens olham para ela, como se porque ela esteja vestindo jeans, camiseta e salto alto e maquiagem e tenha cabelos longos soltos e voando como se ela fosse uma propaganda de xampu ambulante, que ela seja fácil.⁸ (MOOTOO, 1993, p. 208. Tradução minha).

⁶ is dem sweets self what does give people like we a presupposition for untameable hip and thigh. (MOOTOO, 1993, p. 205)

⁷ In de ole days when Canadian missionaries land in Trinidad dey used to make a bee-line straight for Indians from down South. And Janet great grandparents is one a de first South families dat exchange over from Indian to Presbyterian. (MOOTOO, 1993, p. 206)

⁸ Janet pretty fuh so! And I doh like de way men does look at she, as if because she wearing jeans and T-shirt and high-heel shoe and makeup and have long hair loose and flying about like she is a walking-talking shampoo ad, dat she easy. (MOOTOO, 1993, p. 208)

A passabilidade heterossexual de Janet salientaria, de algum modo, a subversão que o ‘corpo’ de sua companheira representaria naquele espaço. Em consonância com esta dinâmica, a narradora afirma que “é toda uma outra história quando eles me veem com meu corte de cabelo e meus jeans azuis por dentro do meu coturno. Andar ao lado de Janet, que é tão feminina que chega a ser redundante, tende a me fazer parecer um gênero que esqueceram de classificar.”⁹ (MOOTOO, 1993, p. 209. Tradução minha). Para a personagem, no entanto, o problema poderia ser resolvido se sua parceira não acentuasse, de maneira tão incisiva, uma suposta “feminilidade”.

Ademais, há que se destacar também as diferentes formas com que Mootoo se utiliza da língua inglesa. Enquanto Janet parece sempre fazer uso da norma padrão do inglês, a voz da personagem-narradora se apresenta em um patoá caribenho, subvertendo o idioma do colonizador. Seu modo particular de utilizar a linguagem, portanto, será fortemente influenciado por marcas da oralidade, (re)afirmando, através de inúmeras alterações morfossintáticas, esta subjetividade que é *queer* no sentido amplo do termo: que anseia escapar à normatização.

Estes binarismos, os quais reaparecem ao longo do texto como constante fonte de atrito entre as personagens, projetam, no plano individual, das relações cotidianas, o complexo processo de libertação do corpo *queer* pós-colonial. Por um lado, Janet tende a contemporizar o que sua companheira identifica como opressão sistemática, ignorando, talvez, o quão transgressivo seria, para aquela sociedade, o ato performático daquele corpo, cujo gênero parece não ter sido “classificado” e cuja origem étnica está sempre sob suspeição. Por outro lado, a atitude da personagem-narradora de tentar controlar o comportamento de sua parceira parece recorrer a uma estrutura convencional da matriz heterossexual, na qual uma das partes do casal se vê no direito de subjugar a outra, reforçando, de algum modo, o caráter punitivo e regulatório do gênero.

Este embate de relações imbricado na colonialidade do poder e do gênero vai ao encontro daquilo que Letícia Sabsay identifica em sua obra *The Political Imaginary of Sexual Freedom: subjectivity and power in the new social democratic turn* (2016). Ao discorrer sobre a relação entre o neoliberalismo e sujeitos sexuais que vêm conquistando, em especial no Norte Global, cada vez mais direitos assegurados pelo estado, ela nos relembra que,

A ordenação heteronormativa do desejo e da identificação implica em perdas e negociações que formam uma parte substancial da constituição do sujeito, e ainda assim as formas que o desejo e a identificação assumem falham sistematicamente no que tange aos ideais heteronormativos. Quando esta falha implica na ruptura da norma, *isto não*

⁹ And den is a whole other story when dey see me with mih crew cut and mih blue jeans tuck inside mih jim-boots. Walking next to Janet, who so femme dat she redundant, tend to make me look like a gender dey forget to classify. (MOOTOO, 1993, p. 209)

*significa que a formação do sujeito desviante se constitua sem qualquer referência a ela.*¹⁰ (SABSAY, 2016, p. 57. Tradução minha. Grifo meu).

As recorrentes superposições nas dinâmicas de poder, contudo, não se limitam à crítica do casal. Ao chegarem no restaurante, ambas parecem ser, em certa medida, colocadas em pé de igualdade ao precisarem recorrer ao inglês para fazerem seu pedido. O estabelecimento, descrito como um negócio de família, conta com seis garçons, todos homens, e sua clientela, aos olhos da narradora, consiste exclusivamente em mulheres indianas. No que diz respeito à esta sua condição, aparentemente desprivilegiada, a personagem se queixa que “você pergunta algo em inglês e eles insistem em responder em hindi, ou punjabi, ou urdu ou gujarati. [...] e então eles te olham com desdém – como se você fosse desleal, como se fosse uma traidora”.¹¹ (MOOTOO, 1993, p. 208. Tradução minha).

Ao longo da interação entre elas e o indiano, esta segregação ligada à identidade indocaribenha das personagens se confirma quando a narradora, em um esforço de se enquadrar dentro do que acredita como ideal de mulher e indiana, utiliza uma palavra errada. O vocábulo *meethai*, usado por ela para designar um doce específico, significa, tal qual o garçom faz questão de explicar em tom paternalista, um termo genérico para “doces”. Em uma interlocução com Janet, o episódio a faz refletir: “tudo que somos em Trinidad são bastardos culturais, Janet, [...] espero pelo dia em que eu vou descobrir este lugar dentro de mim que é apenas trinidadiano, o que quer que este lugar venha a ser”¹². (MOOTOO, 1993, p. 213. Tradução minha). Em seu ensaio “Caribbean Identity and Belonging”, Richard Allsop (2001) afirma que “a identidade caribenha é instantaneamente definida quando alguém não está no Caribe”¹³ (ALLSOP, 2001, p. 35. Tradução minha). Embora a identidade caribenha fique clara naquela interlocução, em especial pelo registro linguístico peculiar da personagem, a narradora se depara constantemente com aquilo que qualifica como uma falta de legitimidade implícita à hibridização própria de suas origens. Ao dissertar sobre a interseccionalidade, Ina Kerner (2012) afirma que esta

aponta, entre outros, a processos de subjetivação ou de formação de identidades com diferentes pontos de referência. [...] A questão de se os indivíduos se dão conta de sua própria etnização ou não continua a depender de sua posição social: em todos os casos, integrantes de minorias étnicas foram percebidos como portadores de registros étnicos

¹⁰ [...] the heteronormative ordering of desire and identification implies losses and negotiations that form a substantial part of the constitution of the subject, and yet the forms that desire and identification assume systematically fail with regard to those heteronormative ideals. When this failure implies a disruption of those norms, this does not mean that the subject formation that veers off from these norms constitutes itself without any reference to them. (SABSAY, 2016, p. 57)

¹¹ Yuh ask dem a question in English and dey insist on giving de answer in Hindi or Punjabi or Urdu or Gujarati. [...] And den dey look at yuh disdainful disdainful – like yuh disloyal, like yuh is a traitor (MOOTOO, 1993, p. 208)

¹² all a we in Trinidad is cultural bastards, Janet, [...] I looking forward to de day I find out dat place inside me where I am nothing else but Trinidadian, whatever day could turn out to be. (MOOTOO, 1993, p. 213)

¹³ Caribbean identity is instantly defined when one is *not* in the Caribbean. (ALLSOP, 2001, p. 35)

marcados mais fortemente do que integrantes de grupos étnicos majoritários. (KERNER, 2012, p. 58)

As protagonistas do conto testemunham, no entanto, uma reversão na dinâmica do poder quando, subseqüentemente, dois homens brancos, provavelmente canadenses, adentram o estabelecimento, parodiando o que acreditam ser expressões indianas em uma cena que é, segundo a própria narradora, violenta e caricata, conforme podemos ver no texto:

De repente a porta do restaurante se abre com tudo e dois homens grandes e corpulentos entram tropeçando, quase rolando no chão. Eles se levantam, os olhos vermelhos e vagos e a pele vermelha da bebida. [...] Em alto e bom tom ele cumprimenta a todos com “*Alarm o salay koom*”. Uma parte de mim queria gargalhar. Outra fez com que meu queixo caísse desacreditada.¹⁴ (MOOTOO, 1993, p. 213. Tradução minha).

O incidente se prolonga em uma série de tentativas frustradas daqueles homens, provavelmente turistas, de se comunicarem com os garçons. Entretanto, diferentemente do modo como haviam tratado as protagonistas, estes se mostram vulneráveis e impotentes face àquela presença. Na doceria, agora em profundo silêncio, ouve-se apenas uma das clientes sussurrando para uma amiga: “Não suporto ver nossos homens sendo humilhados por eles, bem na nossa frente [...] e a amiga sussurra em resposta: “se eles os expulsarem todos nós iremos sofrer a longo prazo”¹⁵ (MOOTOO, 1993, p. 214. Tradução minha). Após a saída dos clientes que percebem não serem bem-vindos, o sentimento geral de consternação e empatia que domina toda a clientela é expressado por uma das freguesas, descrita em especial por seu pescoço longo como o de uma girafa, que, em uma manifestação de solidariedade diz: “meu irmão, nós não podemos aceitar como essas pessoas pensam que podem nos tratar. Vocês homens realmente aguentam muitos insultos e abusos aqui.”¹⁶ (MOOTOO, 1993, p. 215. Tradução minha). Neste momento, portanto, diferenças raciais e de gênero parecem ser suspensas em nome do que todos aqueles imigrantes reconhecem como uma forma de opressão compartilhada, sofrida por todas e todos diariamente em seu país de acolhimento.

Todavia, o texto de Mootoo direciona o leitor para mais uma reviravolta no jogo das colonialidades. A narradora presencia, pouco tempo depois, a mesma freguesa que havia demonstrado empatia pelo ocorrido sendo assediada pelo garçom. Ao chama-la de querida, tocando inapropriadamente suas costas, presenciamos a criação de um outro

¹⁴ Suddenly de door a de restaurant spring open wide with a strong force and two big burly fellas stumble in, almost rolling over on to de ground. Dey get up, eyes red and slow and dey skin burning pink with booze. [...] Out loud he greet everybody with “*Alarm o salay koom*”. A part a me wanted to bust out laughing. Another part make mih jaw drop open in disbelief. (MOOTOO, 1993, p. 213)

¹⁵ I can’t stand to see our men humiliated by them, right in front of us. [...] And de friend whisper back, “If he throws them out all of us will suffer in the long run (MOOTOO, 1993, p. 214)

¹⁶ “Brother, we mustn’t accept how these people think they can treat us. You men really put up with too many insults and abuse over here.” (MOOTOO, 1993, p. 215)

laço de solidariedade, agora entre esta mulher (heterossexual indiana) e as protagonistas. Em um sentimento de indignação, ela, então, desabafa:

Quem ele acha que é? Me chamando de querida e me tocando desse jeito! Por que esses homens sempre pensam que têm permissão pra nos tocar do jeito que quiserem e onde quiserem? E você não pode fazer um escândalo em público, porque é exatamente o que aquelas pessoas lá fora querem ouvir a respeito, para que possam dizer como nossa cultura é sexista e incivilizada.¹⁷ (MOOTOO, 1993, p. 216. Tradução minha).

Como podemos ver, a passagem, revelando ao mesmo tempo ironia e autoconsciência da personagem, evoca o corpo – desta vez especificamente o da mulher indiana – em sua vulnerabilidade face àquela cultura. No entanto, a interlocução expõe não apenas a estrutura patriarcal que coloniza tais mulheres, mas também, e em especial, sua posição interseccional fragilizada, a partir da qual repreensões públicas do comportamento daqueles homens implicariam na confirmação de estereótipos. Ao denunciar o assédio, a mulher sabe que estaria dando substância a tudo que o ocidente perpetua sobre os homens indianos, resultando, em última instância, em consequências para todas e todos os membros daquela comunidade.

Por fim, a relação cordial entre as personagens cai por terra, juntamente com toda e qualquer tentativa da personagem de não chamar atenção de seu entorno, quando adentram no restaurante duas amigas, também lésbicas. A narradora, reconhecendo que, conforme sugerido pelo título do conto, está “out”, em outras palavras, “fora do armário”, relata: “ao invés de qualquer reconhecimento por nossa camaradagem contra aqueles irmãos, recebo uma cara de quem parece estar na presença de um odor muito forte.”¹⁸ (MOOTOO, 1993, p. 218. Tradução minha).

A proliferação de peripécias, as quais fazem com que as posições de poder transitem a todo o momento entre aquelas personagens, acaba finalmente por dissolver a tensão entre as protagonistas, fato que alivia a narradora. Apesar de suas corporalidades estarem sempre em posição mais vulnerável dentro daquelas dinâmicas – seja por serem caribenhas, mulheres, ou lésbicas – a personagem encerra seu relato em tom otimista. Lemos:

O lado bom disso tudo é que Janet ficou tão enfurecida com o jeito que fomos mal tratadas que esqueceu que eu tinha pedido pra ela cortar os cabelos e usar menos maquiagem, e então fui poupada de ter que ouvir que ela preferiria que eu deixasse o meu cabelo crescer e usasse batom e

¹⁷ Whoever does he think he is! Calling me dear and touching me like that! Why do these men always think that they have permission to touch whatever and wherever they want! And you can't make a fuss about it in public, because it is exactly what those people out there want to hear about so that they can say how sexist and uncivilized our culture is" (MOOTOO, 1993, p. 216)

¹⁸ instead a any recognition of our buddiness against de fresh brothers, I get a face dat look like it was in de presence of a very foul smell. (MOOTOO, 1993, p. 218)

colocasse um vestido de vez em quando¹⁹. (MOOTOO, 1993, p. 219. Tradução minha).

Como que encerrando um ciclo, portanto, a personagem retoma a rotineira discussão com sua parceira, em um movimento que foge, então, ao processo de vitimização, ou chave negativa a partir da qual tais subjetividades seriam representadas em um determinado horizonte de expectativas.

IV. Conclusão: à identidade, que corpo?

*Sei, contudo, que, ao ser designada um lar, mesmo um lar que seja a aceitação que anseio, irei fugir. Mas permita-me desejar este lar e, ao conquistá-lo, rejeitá-lo.*²⁰
- Shani Mootoo

Compreender-se como parte integrante de um grupo – étnico, racial ou nacional – , estabelecer-se, por fim, em um lar, nem sempre se apresenta como tarefa fácil. Para os sujeitos diaspóricos, como vêm denunciando as críticas Pós e De-coloniais, esta busca perpassa sobremaneira a constituição de suas identidades. Ao tratarmos do espaço caribenho, conforme discutimos aqui, tal empreitada se mostra ainda mais complexa, uma vez que “a ideia de um “lar” nas Índias Ocidentais, como um local estável e geograficamente fixo, se torna cada vez mais insustentável”²¹ (GRIFFITH, 2001, p. 11. Minha tradução).

Em meio a estas dinâmicas transnacionais e movimentos migratórios para o norte global, o que dizer, então, daqueles cuja identidade, além de deslizante em termos geopolíticos, se mostra igualmente subversiva no que diz respeito aos códigos pré-determinados para o gênero e a sexualidade? Se, por muito tempo, questões de cunho racial focalizaram o “homem de cor” ao passo que pautas do gênero universalizaram a mulher branca, a narrativa de Shani Mootoo nos revela fenômenos muito mais complexos que imbricam diversas facetas da subjetividade.

Transcendendo a uma separação entre as estruturas do poder que verticalizam comportamentos e a extensão em que direitos são atribuídos a minorias, “Out on Main Street” (1993) denuncia, a partir de uma cena corriqueira, a dimensão das tensões que acometem diariamente sujeitos *queer* pós-coloniais. No constante embate entre raça, classe, gênero e sexualidade, destacamos aqui a importância do corpo e do despertar da consciência da corporalidade para tais indivíduos. Conforme nos adverte Belizário (2016), “talvez a radicalidade última do encontro do *queer* com o pós-colonial seja o corpo. O

¹⁹ De good thing, doh, is dat Janet had become so incensed ‘bout how we get scorned, dat she forgot I tell she to cut she hair and to ease up on de makeup, and so I get save from hearing she would prefer if I would grow my hair and wear lipstick and put on a dress sometimes. (MOOTOO, 1993, p. 219)

²⁰ I know though, that presented with home, even with a home that is the acceptance I long for, I will bolt. But allow me to yearn for it, and getting it, to reject it. (MOOTOO, 2001, p. 25, 26. Tradução minha).

²¹ “home” as some stable, geographically fixed location becomes increasingly untenable. (GRIFFITH, 2001, p. 11)

corpo como limite, o corpo que provoca afetos e é afetado pela identidade, pelos sujeitos, pelas opressões, pelas diferenças, pelas fronteiras”. (BELIZÁRIO, 2016, p. 391).

Assim, este corpo que, a princípio, demarca diferenças e expõe vulnerabilidades é também campo de batalha. Sua materialidade (cor, forma, aparência, performance) o projeta sempre na linha de frente de todo e qualquer embate, abrindo caminhos, muitas vezes estrategicamente, para alianças, empatia e solidariedade. No conto, vimos que este sempre aparece como alicerce na apreensão que a narradora faz de seu entorno. Tendo como base os mais diversos marcadores de seu corpo e daqueles à sua volta, ela – sujeito a quem se designa um novo “lar” identitário a todo instante – saberá quais desafios terá de enfrentar. Ao longo deste processo, o corpo é, portanto, *locus* vital. É lar: primeira instância sobre a qual se constituem subjetividades, ponto de partida para a resistência.

Referências Bibliográficas:

ALLSOP, R. “Caribbean Identity and Belonging”. In: *Caribbean Cultural Identities*. Londres: Rosemond Publishing and Printing Corp., 2001.

ALMEIDA, S. R. G. “Bastardos Culturais e Inglórios: configurações de gênero na diáspora em série de Shani Mootoo”. In: *Aletria*. Vol 21 n. 2, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BELIZÁRIO, F. “Por uma teoria *Queer* Pós-Colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade ocupando as fronteiras e espaços de tradução”. In: *Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais*. Aveiro: Grácio Editor, 2016.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão da Identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, K. “A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero”. Disponível em: <www.acaoeducativa.org.br> Acesso em: 10 de maio de 2018.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GRIFFITH, G. (Ed.). *Caribbean Cultural Identities*. London: Rosemond Publishing and Printing Corp., 2001.

HILST, H. *Tu não te moves de ti*. São Paulo: Globo, 2004.

KERNER, I. “Tudo é interseccional?” Trad. Bianca Tavorari. In: *Novos Estudos CEBRAP*. n. 93. São Paulo: Julho, 2012.

KING, R. S. *Island Bodies: Transgressive Sexualities in the Caribbean Imagination*. Miami: University of Florida Press, 2014.

MOOTOO, S. "Dual Citizenship, Elsewhereness, and the Sources of Creativity." In: *Convergences and Interferences: Newness in Intercultural Practices*. Ed. Kathleen Gysels, Isabel Hoving, and Maggie Ann Bowers. Amsterdam: Rodopi, 2001. pp. 19-26.

MOOTOO, S. “Out on Main Street”. In: *Out on Main Street and Other Stories*. Vancouver: Press Gang Publishers, 1993.

QUIJANO, A. “Colonialidade do Poder e Classificação Social”. In: *Epistemologias do Sul*. Orgs. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses. Coimbra: Almedina Edições, 2009.

SABSAY, L. *The Political Imaginary of Sexual Freedom: subjectivity and power in the new social democratic turn*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

Recebido em: 30/08/2018

Aceito em: 16/11/2018

Referência eletrônica: MOYANO, Thiago Marcel. Colonialidades em Movimento: Tessituras do Corpo em “Out On Main Street” (1993) de Shani Mootoo. *Criação & Crítica*, n. 22, p., dez. 2018. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.